

A palavra, dura como a morte, é adeus

O sol vai surgindo quando Tawé vem até a canoa e entrega-me um cocar. Toma-o novamente de minhas mãos e o coloca em minha cabeça. Ele é comprido, vai até os joelhos.

– Bonito, Sô Valto.

– Obrigado, Tawé.

Ele presenteia-me também com o arco e as três flechas com que eu iniciei meu aprendizado, infelizmente tão cedo interrompido. D. Puxu dá a Kika uma *tobuy*. Ela é clarinha. Um dia teremos um filho-da-lua ou uma filha-da-lua. Outras índias se aproximam e vestem Kika com colares feitos de coquinhos e de pupunha, nos quais recortaram e esculpíram o seu mundo: figuras de jacarés, de tartarugas, peixes, etc. Meus olhos ficam cheios de água e Kika chora mesmo. Tawé aproxima-se novamente:

– Sô Valto, leva esse remo. O senhor trabalha com ele e depois fica pro senhor.

Não posso dizer até logo, tchau, até amanhã ou até mais. A palavra, dura como a morte, é adeus. A despedida é para sempre, para nunca mais, é morte em vida. Até hoje eu só dei adeus para pessoas que morreram, e é igualmente duro dizê-lo a pessoas vivas. Tão difícil de aceitar quanto o morrer. O vazio frio é igual. Eu tenho consciência de que, por mil motivos, jamais voltarei aqui. O acesso a esse paraíso é difícilíssimo e, certamente, nunca se repetiria aquela série de situações, toda aquela seqüência de “coincidências” que aconteceram conosco. Tivemos toda a “sorte” – será que existe mesmo? – de encontrarmos as “pessoas certas” nas horas certas: Ivete, para nos ensinar o caminho; a Madre Superiora e o sub Ribeiro para nos darem as autorizações; Tawé que, exatamente no momento em que passávamos por aquela cidade, retornava do Encontro do Cimi, na segunda vez – em seus mais de sessenta anos de vida – em que saía da sua floresta. Pessoas que nos indicaram o caminho e o abriram para nós, e veículos e embarcações que apareceram na hora exata, como o impensável Catalina, que passou precisamente nos únicos dias em que poderíamos fazer a viagem, e a sua tripulação, que aceitou mudar a sua rota e, com isso, possibilitou nossa vinda. Uma conjugação de pessoas, meios de transporte, tempo, lugares, etc. que nunca se repetiria novamente.